

REVISTA
PORTUGUESA

DE

EDUCAÇÃO

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA
UNIVERSIDADE DO PORTO

Vol. 11
Nº 2 1998

Savater, Fernando (1997). *O Valor de Educar*. Lisboa: Presença, 158 páginas (trad. Michelle Canelas).

Nos tempos que correm, o sector educativo tem sido um dos espaços privilegiados de reflexão interdisciplinar. Fins, meios, causas e consequências da educação actual têm ocupado ultimamente os homens das ciências e das humanidades. Conscientes de que o problema educativo é o motor e a alavanca que catapultará as gerações jovens para o futuro que terão de gerir, procura-se no presente delinear pacificamente os contornos dos tempos que hão-de vir.

Para responder a algumas perplexidades educativas da actualidade, Fernando Savater, intelectual e filósofo, escreve a presente obra e nela aborda com lucidez e sem demagogias o valor de educar. A perspectiva educacional aqui apresentada, ao considerar a educação como acto de todos os homens, e não tarefa exclusiva de meia dúzia de pedagogos que dizem possuir as técnicas e os métodos de educar para a democracia, revela-se ao autor do livro, bem como ao autor da recensão, o caminho que mais tarde ou mais cedo teremos de percorrer se quisermos contribuir eficazmente para o advento de um tempo diferente e melhor.

Da máxima importância é a excursão teórica que o autor faz ao longo da história da humanidade, evitando uma abordagem superficial e ligeira de tão grave problema, como se esta história tivesse apenas a idade dos tempos pós-modernos.

Esta obra é constituída por seis capítulos, um prólogo ("carta a uma professora"), um epílogo ("carta à ministra") e um apêndice, que consta de uma pequena antologia de textos, denominada "os pensadores e a educação", que vai de Homero aos nossos dias.

No prólogo, o autor lembra a tendência dos tempos modernos para terem "o hábito de assinalar a escola como correctora necessária de todos os vícios e insuficiências culturais, com a condescendente minorização do papel social de professoras e professores" (p. 14). No decorrer do seu raciocínio faz notar ainda que a tarefa educativa é um trabalho colectivo, tendo por isso de ser desempenhado por todos os seus interlocutores. A ser assim, não vê necessidade de diferenciação e consequente subalternização dos professores dos níveis primário e secundário em relação aos do nível superior, que quase sempre têm a função de emanar a teoria para os outros aplicarem. Lembra, por isso, que "aqueles que tentamos formar os cidadãos e ilustrá-los, todos quantos apelamos para o desenvolvimento da investigação científica, a criação artística ou o debate racional das questões públicas, dependemos necessariamente do trabalho prévio dos professores primários (...) nada ou muito pouco podemos fazer se os primeiros professores não tiverem realizado bem a sua tarefa, que consiste em preparar-nos a clientela" (pp. 14-15).

No Cap. I, Savater não se esqueceu de realçar o papel da educação nas sociedades humanas, lembrando, que a humanidade não se ganha com o nascimento mas sim com o crescimento adequado na sociedade/cultura a que se pertence (cf. p. 23), pois se os restantes animais nascem como os homens, parece que só os segundos beneficiam com níveis elevados de educação (cf. p. 26). Deixa bem expresso que a humanidade resulta de um conjunto de indivíduos, com gostos, capacidades, interesses... diversos, logo, a educação nunca pode esquecer a força da sua dimensão intersubjectiva, "o primeiro objectivo da educação consiste em tornar-nos conscientes da realidade dos nossos semelhantes (...) o que implica considerá-los sujeitos e não meros objectos, protagonistas da sua vida e não meros comparsas vazios da nossa própria vida" (p. 31). Assim, e antes de tudo, "a educação é a revelação dos outros, da condição humana, como um concerto de cumplicidades irremediáveis" (p. 32).

No Cap. II, não lhe interessou também estabelecer a dicotomia entre educação e instrução, entre pedagogo e professor (cf. p. 38 ss). Cada qual tem o seu lugar próprio no âmbito da questão educativa, e a sua análise não se preocupa com a divergência mas sim com a complementaridade, pois, "não se pode educar sem instruir nem vice-versa" (p. 40). O que se revela da máxima importância será "ensinar a aprender" (p. 41), que vai para além da simples memorização (cf. p. 42) e que ensina a gerir os conflitos educativos que os modelos actuais criam nos jovens, abrindo-lhes um horizonte de esperança e confiança no futuro, que lhes parece cada vez mais distante e inviolável.

O Cap. III preocupa-se com o eclipse da família tradicional, fonte e origem de muitos modelos educativos, os quais, à medida que se foi esboroando, arrastou consigo. Ao mesmo tempo que a T.V., e restantes órgãos de comunicação social, foram impondo modelos educativos pouco proveitosos para os jovens que se querem educar.

Como é da opinião geral, sem repensar o conceito familiar na sua articulação com a escola, não será possível obter resultados sensatos na educação dos jovens. Afinal, lembra Savater, "os professores devem sempre recordar, ainda que os outros o esqueçam, que as escolas servem para formar pessoas sensatas, não santos" (p. 66).

Das pp. 54 ss deste capítulo podemos, com proveito, pensar o papel da T.V. na educação das crianças e, mais importante, o facto de as fazer crescer a um ritmo demasiado violento, não correspondendo a informação que lhes dá ao estádio sócio-psíquico em que se encontram. O que lhes era desvelado a pouco e pouco, com auxílio de parábolas e outros artifícios, é-lhes hoje colocado face a face, imediatamente, muitas vezes sem a possibilidade de mediação por parte de alguém entendido nesses assuntos. Violência e sexo, morte e fatalidade, acompanham desde cedo a educação das crianças. Os truques usados para animar os bonecos que nasciam e morriam com uma facilidade extraordinária, onde o bom, apesar de tudo, acabava por vencer o mau, são agora mostrados na sua realidade da vida humana, onde o mal não raras vezes vence e a morte é um caminho sem regresso.

Assim, como "as crianças chegam já saciadas com mil notícias e com as mais diversas visões que não lhes custou nada a adquirir (...) que recebem até sem querer! O mestre deve ajudá-los a organizar essa informação — e em parte a combatê-la — e oferecer-lhes as ferramentas cognoscitivas para que a possa tornar proveitosa ou pelo menos não prejudicial" (p. 57).

No Cap. IV, debruça-se sobre a questão da liberdade e do ensino. Se a educação, como todos sabemos, se prende mais com os interesses dos adultos do que das crianças (cf. p. 68), será lícito forçar a aprender quem não o deseja? (cf. p. 67).

A questão da liberdade é considerada numa dupla vertente. Por um lado, "se a educação implica alguma tirania, é uma tirania de que, só passando pela educação conseguiremos mais tarde libertar-nos" (p. 69) e, por outro lado, "todos os bons professores conhecem a sua condição potencial de suicidas, imprescindíveis no começo, o seu objectivo é formar indivíduos capazes de prescindir do seu auxílio, de caminhar por si mesmos, de esquecer ou desmentir aqueles que o ensinaram" (p. 69). Lembrará ainda neste capítulo a importância do esforço e da contrariedade na educação (cf. p. 70 ss).

No Cap. V, recusa a separação da cultura científica e da cultura humana (cf. p. 82 ss). Ciências da natureza e ciências humanas devem ser igualmente consideradas na educação da humanidade, uma vez que "ser homem ou mulher no mundo moderno não é coisa fácil, ninguém pode viajar sem bagagem!" (p. 85). E a bagagem, naturalmente, será o nível de conhecimento humano e científico que cada indivíduo possa ter adquirido e continue a adquirir.

Contra o saber enciclopédico instituído pelos currículos escolares, o autor refere que podemos — e devemos — exigir sem maçar. Podemos estimular o interesse pela actividade científica e humana sem recorrer a fórmulas e a textos de difícil interpretação. O que interessa na educação não é dizer o que alguém fez e como fez, mas sim despertar o pensamento e a curiosidade e não o fastio e o desinteresse (cf. 86 ss), ainda que nos julguem superficiais e maus profissionais, "trivialidade é o que fica na cabeça de um imbecil quando ouve algo dito com simplicidade" (p. 87). O bom professor deve pautar o seu magistério pela simplicidade e não pelo pedantismo. O professor pedante dirige-se "aos seus alunos como se estivesse apresentando uma comunicação perante um congresso em que estivessem presentes os seus mais distintos e exigentes colegas, todos eles dedicados desde longos anos à disciplina dos seus desvelos. Mas como a maioria dos jovens não demonstra o devido entusiasmo nem a compreensão requerida, desespera e amaldiçoa-os (...) o problema do pedante é que não quer ensinar os neófitos, mas sim ser admirado pelos sábios e provar a si mesmo que vale tanto ou mais do que eles" (p. 89).

Como a razão é igual em todos os indivíduos, e portanto se encontra permeável às questões científicas e às questões humanas (cf. p. 95), cada professor deve ter consciência de que "a sua obrigação consiste em mostrar, para cada disciplina, um panorama geral e um método de trabalho a pessoas que, na sua maioria, não voltarão a interessar-se profissionalmente por esses temas" (p. 89).

Educador e educando devem em conjunto estimular "a busca racional da verdade, melhor dizendo, das verdades sempre fragmentárias e tentativas, dotadas de uma classe de certeza distinta, de acordo com a área a que se aplicam" (p. 96).

Neste capítulo, estabelece ainda os princípios de uma educação humanista que faça "aprender a discutir, a refutar e a justificar o que se pensa" (p. 98). Tal educação não será possível sem recorrer à "dimensão narrativa que engloba e totaliza os conhecimentos por ela transmitidos (uma vez que) os homens não são problemas ou equações mas sim histórias, somos menos parecidos com contas do que com contos" (p. 99). Não há educação

sem considerar que "a memória dos homens pretéritos e a urgência da vida no presente é o que unifica significativamente a dispersão de temas académicos que conformam o currículo. A história vista como hagiografia colectiva, como configuração dos mitos diferenciais que nos fazem insolúveis nos outros e na humanidade" (p. 99).

No Cap. VI, defende um ensino conservador (cf. p. 102 ss), para promover e conservar como ideal básico "a universalidade democrática" (cf. p. 107 ss). Tarefa difícil sem dúvida, uma vez que o autor nos lembra que "o esforço educativo é sempre rebelião contra o destino (...) a educação é antifatalidade, não a adaptação programada" (p. 108). Se a educação dos tempos presentes pretende que o indivíduo regresse às raízes (cf. p. 110), então que valorize devidamente aquilo que entre todos os existentes, nos torna únicos, e nos mantém iguais — "o uso da linguagem e dos símbolos, a disposição racional, a recordação do passado e a previsão do futuro, a consciência da morte, o sentido do humor, etc." (p. 111).

Como o problema educativo facilmente se confunde com o problema cultural, alerta Savater que educar não se pode reduzir à transmissão de cultura, pois a cultura de cada povo é apenas uma parte da humanidade e esta reconhece-se no encontro de culturas, a que se dá o nome civilização. A ser assim, "é a civilização e não meramente a cultura, que a educação deve aspirar a transmitir" (p. 112). Que não se pense que ao apontar a civilização como objecto de educação se cai numa uniformização, numa assimilação de uma cultura mais fraca posta deliberadamente ao serviço da cultura predominante, que tão maus resultados deu em tempos ainda recentes. Não nos esqueçamos que a educação, fundamentalmente, deve preparar os indivíduos para a diferença e para a divergência, pois é também tarefa da "educação universalizadora, ensinar a atraiçoar, racionalmente, em nome da nossa única verdadeira pertença essencial, a humana, tudo que de exclusivo, fechado e maníaco exista nas nossas afiliações acidentais, por muito acolhedoras que estas possam ser para os espíritos comodistas, que não querem mudar de rotinas ou procurar conflitos" (p. 114). O passado contraditório da humanidade só pode ser julgado e entendido se fornecermos aos indivíduos os meios suficientes de análise que contemplem a leitura e a escrita (cf. 100).

Quando a sociedade actual estimula ao isolamento e ao esfriamento das relações interpessoais, mediando-as cada vez mais pelas actividades virtuais, convém reconhecer que a função da educação e da escola deve ser "fomentar o apreço racional por aqueles valores que permitem a convivência conjunta aos que são satisfatoriamente diversos" (p. 115). Não se deve tratar de cada um só fazer o que lhe dá prazer, mas sim escolher dentro de todos os meios postos ao seu alcance para realizar as tarefas educativas aqueles que lhe forem mais agradáveis. Não há educação sem obrigação. Como em todos os campos da vida humana, também na educação a liberdade não se encontra isenta de limites. No final do ensaio, reforçará esta ideia ao afirmar que aprender é uma necessidade inerente a todos os indivíduos. A função da sociedade é obrigar as crianças a aprenderem, não colaborando na tendência para o facilitismo que lhes é congénito (cf. p. 126).

Finalmente, no epílogo — a carta à Ministra — deixará mais alguns pontos para reflexão: a justificação do ensino obrigatório (cf. p. 118); a componente pública da educação democrática (cf. p. 121); autoridade social e autoridade parental ... (cf. p. 121).

A sociedade democrática e pluralista não deve negar a educação a nenhum dos seus membros, uma vez que "para renunciar ao conhecimento é necessário ter certos conhecimentos" (p. 121), pois "o sentido da educação é conservar e transmitir o amor intelectual ao humano" (p. 124), dando forma a indivíduos autónomos, e não a meros reprodutores de atitudes e comportamentos.

Como síntese, lembra Savater que cabe à educação "despertar o apetite de mais educação, de novas aprendizagens e ensinamentos. A pessoa educada sabe que nunca está completamente educada mas só o suficiente para querer estar mais quem acredita que a educação enquanto tal fica concluída na escola ou na universidade não foi realmente inflamado pelo ardor educativo mas apenas ganhou uma leve camada de verniz ou foi decorado com as suas tintas menores" (p. 127).

Posto isto, o nosso desejo é que esta obra seja lida e meditada por todos os intervenientes do sistema educativo, para ajudar a promover a necessária conjugação de esforços que urge encetar neste complicado campo da acção humana. Só em diálogo constante e aberto com a tradição nos parece ser possível restaurar a confiança que tão abalada se encontra no sistema educativo, e este livro tem o condão de agitar as consciências e as encaminhar em horizontes de esperança renovada.

Artur Manso

(Universidade do Minho - Departamento de Pedagogia)